

ARTIGOS

ARTIGOS



INDIVIDUALIZAÇÃO E FRAGMENTAÇÃO: EFEITOS DA PÓS-MODERNIDADE NO CRISTIANISMO CONTEMPORÂNEO

Alberto Domeniconi Nery

Mestre em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Docente no curso de Psicologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). *E-mail:* a_nery@yahoo.com

Esdras Guerreiro Vasconcellos

Doutor em Psicologia pela Universitat Munchen (Ludwig-Maximilians). Docente na graduação e na pós-graduação em Psicologia Social e do Trabalho da USP. *E-mail:* vasconcellos esdras@usp.br

RESUMO

A pós-modernidade se impõe na sociedade contemporânea como *Zeitgeist* predominante. De maneira mais intensa a partir da segunda metade do século XX, seus efeitos podem ser percebidos nas artes, na ciência, na economia e nas relações sociais. Entre suas características principais, está a tendência a uma individualização da trajetória humana, que deixa de ser vivenciada como um roteiro de longo prazo inserido em uma metanarrativa superior e passa a ser encarada como uma sucessão de fragmentos, sem que haja uma necessária conexão entre eles. O cristianismo não foge aos seus impactos, e, como consequência, populariza-se a busca por uma experiência religiosa desassociada de uma instituição religiosa. As igrejas enfrentam essa nova realidade adaptando-se às regras de mercado e tentando criar estratégias que as ajudem a manter e atrair novos adeptos, como as empresas fazem com seus clientes.

PALAVRAS-CHAVE

Pós-modernidade. Globalização. Individualização. Fragmentação. Cristianismo.

1. INTRODUÇÃO

Em março de 1992, a banda de *rock* norte-americana Nirvana lançou a música “Come as you are” como parte do

álbum *Nevermind*. Essa canção atingiu grande popularidade, permanecendo por mais de 15 semanas entre as principais do conceituado *ranking* da revista *Billboard*. A banda Nirvana, que posteriormente se tornou um dos expoentes do *rock* mundial, apresenta na letra de “Come as you are” uma mensagem que reflete bem a maneira de pensar do período na qual foi lançada e que se intensificaria nos tempos que ainda estavam por vir. “Venha como você estiver” fala de uma aceitação incondicional, diante de um indivíduo que é dono de sua própria vida e de suas escolhas.

Pouco tempo depois, em 1993, o teólogo alemão Friedrich Schorlemmer (apud BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p. 1), em um discurso no qual lembrava a queda do muro de Berlim, afirmou:

Anteontem, há apenas quatro anos, um grande experimento para humanidade, que durou 40 anos, terminou aqui. Agora, em liberdade, as pessoas têm que decidir por si mesmas; todas as instituições existentes entraram em colapso, todas as antigas certezas se foram. A alegria da liberdade é ao mesmo tempo uma queda no vazio. Agora, cada um cuide de si mesmo. Quais são as regras? Quem está no comando? O que é certo? Tudo é incerto, precário. Aproveite nossa falta de laços como liberdade.

O *Zeitgeist* ou o espírito dos tempos reflete o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo em um determinado período. Esse ambiente exerce influência sobre a ciência, a arte e as relações econômicas e sociais da época. Ambas as declarações citadas anteriormente, tanto o refrão de uma banda de *rock* como o discurso de um intelectual, refletem o *Zeitgeist* da pós-modernidade, manifestado no mundo principalmente a partir da segunda metade do século XX, marcado por características como globalização, grande desenvolvimento tecnológico, individualismo e fragmentação.

O presente artigo se propõe a compreender o impacto de algumas das características da pós-modernidade na religiosidade cristã contemporânea no Brasil, procurando descrever essas características e identificar quais são alguns dos efeitos produzidos na dinâmica dessa relação do ser humano, fruto desse contexto, com a religião cristã.

2. GLOBALIZAÇÃO, PÓS-MODERNIDADE E INCERTEZA

A partir da segunda metade do século XX, percebemos a intensificação de uma série de características que tem moldado a forma de pensar e agir do ser humano contemporâneo. Uma delas é o fenômeno chamado de globalização. Por meio da evolução dos meios de comunicação e transporte, bem como do desenvolvimento de uma interdependência das economias mundiais, vivemos hoje em um mundo onde as fronteiras são mais tênues, e o trânsito de indivíduos, ideologias e mercadorias, mais livre e frequente.

De acordo com Malvezzi (1999, p. 21), o aspecto mais central da globalização é a compressão do espaço e do tempo por meio da utilização da tecnologia da informação, que torna possível ao indivíduo estar presente virtualmente em diferentes lugares e realizar múltiplas tarefas simultaneamente.

Uma das consequências disso é vivermos em um período no qual, segundo Bauman (2008, p. 25), ocorre uma renegociação do significado do tempo, em que as grandes narrativas e histórias particulares de vida perdem espaço para uma sucessão de eventos, não conectados entre si necessariamente, e a vida passa a ser uma mera sucessão de presentes, instantes experimentados com intensidade variada. Aubert (2003, p. 35) chama esse fenômeno de “tempo pontuado”, marcado pela profusão de rupturas e discontinuidades, por intervalos que separam pontos sucessivos e rompem os vínculos entre eles, enquanto Sennett (2010, p. 33) afirma que a “experiência do tempo desconjuntado ameaça a capacidade das pessoas de transformar seus caracteres em narrativas sustentadas”.

O processo de globalização está relacionado à maneira de pensar dos dias de hoje. Porém, esse período histórico da sociedade e de sua maneira de pensar ainda não encontrou um consenso no que diz respeito à sua nomeação. Vivemos em uma época à qual não temos condição de dar um nome. Algumas alternativas na tentativa de nomear nosso tempo são: “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001), “hipermodernidade” (LIPOVETSKY, 2006), “alta modernidade” ou “modernidade tardia” (GIDDENS, 1990) e “segunda modernidade” (BECK, 2003). Entre as múltiplas formas de nomear a contemporanei-

dade, o termo “pós-modernidade” (LYOTARD, 2000) talvez seja o que mais se popularizou e será tomado para as reflexões que terão lugar na sequência deste artigo, ressaltando, porém, que, mais do que uma definição para os dias de hoje, interessam-nos, nesta análise, suas características principais.

Neste mundo cada vez mais globalizado, de maneira marcante, principalmente a partir da segunda metade do século XX, o pensamento pós-moderno tem se proliferado. Em um sentido mais amplo, a pós-modernidade é a era da perda dos fundamentos, um resultado da decepção humana com as instituições do passado. Seu discurso destaca a fragilidade das crenças, a precariedade dos valores e a instabilidade dos vínculos das gerações anteriores (BENDASSOLLI, 2007, p. 46)

Esse período da história traz consigo mudanças nos relacionamentos pessoais, diferentes formas de produção e uma pluralização dos estilos de vida, proporcionando ao indivíduo seu pleno espaço de florescimento. Livre das amarras das instituições do passado, como a família e a religião, ele pode “levar uma vida própria”, que é o desejo mais forte e marcante do indivíduo ocidental contemporâneo.

A falta de confiança nas instituições e nos valores do passado traz à tona um indivíduo em dúvida com relação às suas crenças pessoais e à maneira correta de agir. Agora em liberdade, as pessoas têm que decidir por si mesmas. Bauman (2008, p. 24) afirma que os sofrimentos humanos mais comuns nos dias de hoje tendem a se desenvolver a partir de um excesso de possibilidades, e não de uma profusão de proibições: “Não é a esmagadora pressão de um ideal, com o qual não podem viver de acordo, que atormenta os homens e mulheres contemporâneos, mas a falta de ideais”.

No passado, o indivíduo encarava a vida alicerçado no seu sistema de crenças, tradições e valores. Era capaz de enxergar sua própria história inserida em uma narrativa identitária superior a ele mesmo, da qual era por vezes protagonista ou por vezes coadjuvante, mas sempre incluído na história. A religião, o Estado e a família eram as principais instituições que proporcionavam ao indivíduo a condição de encontrar seu lugar e papel na história e na sociedade.

Se, com o advento da modernidade, o indivíduo emancipou-se de uma vez por todas de Deus e conseqüentemente de seus representantes, a religião e a Igreja, que tiveram seu

atestado de óbito assinado por Nietzsche em sua famosa sentença “Deus está morto”, a pós-modernidade rompe os vínculos com o Estado e as tradições, deixando agora um ser livre, mas sozinho. Bendassolli (2007, p. 27) chama esse fenômeno de “insegurança ontológica”, fruto do fim das certezas metafísicas, bem como de uma dimensão objetiva e segura da existência humana.

Ao assumir o peso e a responsabilidade de “levar uma vida própria”, o indivíduo se depara com a incerteza, hesitação e falta de controle que produzem desespero e angústia. Essa experiência desalentadora é, para Bauman (2001, p. 66), o preço pago pelas novas liberdades individuais e pelas novas responsabilidades.

3. INDIVIDUALIZAÇÃO E FRAGMENTAÇÃO

Em 1938, os autores de quadrinhos Joe Shuster e Jerry Siegel apresentaram ao mundo o Super-Homem. Sua primeira aparição foi na revista *Action Comics*. Esse personagem era um extraterrestre vindo do planeta Krypton. Por ser o único remanescente de sua espécie após a explosão de seu planeta natal, ele vem à Terra em uma nave espacial preparada pelo pai. Ao cair em uma fazenda no Estado do Kansas, é adotado por um casal que, embora saiba de sua origem extraterrestre, o cria como se fosse um ser humano comum.

Devido aos seus poderes especiais, o Super-Homem é superior a todos os seres humanos. Não está sujeito às regras sociais nem às leis naturais que regem a humanidade. É praticamente invencível, exceto quando diante da kryptonita, um mineral vindo do seu planeta natal que pode tirar toda a sua vitalidade repentinamente.

Embora seja apenas um personagem de ficção, o Super-Homem representa bem algumas características do indivíduo que, sem que os seus próprios criadores soubessem, ele prefigurava: o indivíduo pós-moderno.

Ao tornar-se o arquétipo do herói contemporâneo, ele é um indivíduo único em sua espécie, diferenciando-se de todos os outros, apesar das semelhanças. Não necessita da ajuda

de ninguém para realizar suas tarefas, por mais difíceis que elas possam parecer, mas, ao mesmo tempo, não é capaz de definir sua identidade ideal, pois esconde-se atrás do tímido Clark Kent, um ser humano comum, sua identidade secreta, com a qual por vezes se identifica muito mais do que com a de super-herói.

Ao mesmo tempo, tem dificuldades em estabelecer um vínculo com o seu passado, devido à destruição de seu planeta natal e à morte de seus semelhantes, e vive um constante sentimento de inadequação por não ser um humano como os outros, o que, por sinal, é uma característica em comum com muitos outros super-heróis. Além disso, vive uma insegurança constante por não ser capaz de lidar com a sua fraqueza em relação à kryptonita, que pode surgir em seu caminho a qualquer momento.

É capaz de alcançar grandes realizações, independente, mas, ao mesmo tempo, inseguro e sozinho. Trata-se do maior herói do indivíduo pós-moderno. Qualquer semelhança não é obviamente mera coincidência. Essas características estão presentes em maior ou menor grau no processo de individualização pelo qual o ser humano tem passado principalmente a partir da metade do século passado.

O *self-made man* é mais um produto dessa maneira de pensar que levou o ser humano a uma individualização sem precedentes. Representa o indivíduo que por si mesmo é capaz de construir sua própria trajetória e alcançar seus objetivos.

Se, no passado, a vida era vivida pela maior parte das pessoas como um destino coletivo, hoje ela é uma história pessoal. Cabe a cada um, ao deparar-se com o incerto, apoiar-se sobre si mesmo e dar sentido à própria existência, o que faria um hipotético Adão pós-moderno, ao perceber que estava só, em vez de esperar uma companhia, agradecer ao criador o fato de tê-lo feito assim.

A individualização, aliada à renegociação de significado do tempo, produz ainda um outro efeito que pode ser chamado de “fragmentação”. Ou seja, o surgimento de indivíduos cujos laços humanos são segmentados, as identidades são máscaras usadas sucessivamente, a história de vida é uma série de episódios que perduram apenas na igualmente efêmera memória (BAUMAN, 2001, p. 65).

É de Sennett (2010, p. 27) a pergunta: “Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos?”. De acordo com Bauman (2008, p. 26), há fortes indícios de que estamos a ponto de criar uma sociedade em que será quase impossível ter um pensamento com mais do que alguns centímetros de extensão. O pensamento tornou-se fragmentado. A tecnologia proporciona ao indivíduo senhor de si a capacidade de administrar inúmeras tarefas simultaneamente. Não é nenhum absurdo pensar que, nos dias de hoje, alguém possa facilmente usar o seu *notebook* para participar de uma videoconferência de trabalho, enquanto almoça um lanche de *fast-food*, faz uma operação bancária pelo celular e combina o cinema com os amigos por meio de uma rede social acessada do seu *tablet*.

O efeito colateral é que, quando o momento exige concentração em uma única tarefa que demande tempo e atenção, seja a leitura de um clássico ou a conversa face a face com um amigo durante o almoço, a tendência de fatiar a atenção com múltiplas atividades quase que se impõe, por meio de um aviso sonoro de mais um *e-mail* que chega à caixa de entrada do seu *smartphone*.

É pertinente notar que os processos sociais e culturais da pós-modernidade encontram correspondência no processo de desenvolvimento tecnológico que ocorre em paralelo. De maneira mais específica, podemos citar o desenvolvimento das tecnologias da informação que tornaram possível a compressão tempo-espço, uma das características marcantes destes dias.

Como exemplo dessa correspondência está o fato de que, em meados dos anos 1970, os computadores ainda eram úteis apenas para grandes empresas ou órgãos governamentais e ocupavam salas maiores do que uma residência convencional. Nessa época, poucos indivíduos poderiam prever o impacto que a tecnologia da informação teria na vida das pessoas, em poucas décadas.

Entre esses visionários estavam Steve Jobs, que, em parceria com Steve Wozniak, fundou a Apple Computers, empresa que, em 1977, lançou o Apple II, considerado o primeiro computador de uso pessoal a popularizar-se, e Bill Gates, fundador da empresa de *softwares* Microsoft e criador do padrão

Windows, que facilitou a interface homem-máquina e ajudou a popularizar o uso dos computadores. Curiosamente, as principais invenções de ambos refletem os padrões ideológicos de fragmentação e individualização pertinentes à pós-modernidade.

Gates, por meio de seu padrão Windows, em que as informações e funções do computador ficavam disponíveis por meio de janelas acessadas na própria tela do computador, deu à fragmentação um correspondente no mundo virtual. Enquanto Jobs, com sua crença de que o uso do computador não deveria restringir-se apenas ao uso governamental e empresarial, mas tornar-se um artefato individual, que possibilitaria ao indivíduo trabalhar e interagir com a sociedade, promoveu a individualização. Além disso, em 2001, a empresa de Jobs lançou o *iPod*, uma evolução do *walkman*, aparelho portátil que a Sony havia lançado em 1979 e possibilitou que as pessoas ouvissem música individualmente e em qualquer lugar. Enquanto o *walkman* reproduzia cerca de uma dezena de músicas em uma fita cassete, o *iPod* permitiu aos seus usuários armazenar mais de mil músicas em sua memória, uma verdadeira revolução. O *iPod* foi o primeiro de uma série de outros aparelhos chamados pelo mesmo prefixo “i” ou “eu”. A ideia era justamente personalizar o uso do dispositivo, e a obra-prima seria o *iPhone*, lançado em 2007 e que integrou, em um mesmo aparelho, o computador e o telefone celular como nenhum outro havia feito até então. A última investida de Jobs, antes de sua morte em 2011, foi chamada de *iCloud*. A ideia era que os conteúdos dos dispositivos eletrônicos ficassem disponíveis e fossem compartilhados instantaneamente por meio de uma “nuvem” (*cloud*). Assim, a fragmentação da sociedade e de sua forma de pensar encontra seu correspondente mais completo no mundo virtual.

A tecnologia da informação, associada a outro fenômeno que é seu fruto direto – as redes sociais –, levou a sociedade ao ponto de encarar a vida social “eletronicamente mediada” não mais como uma opção, mas como necessidade, pois a “morte virtual” já estava à espreita dos que ainda não entraram no sistema. No mundo virtual, a individualização e a fragmentação encontram o ambiente ideal para o seu florescimento. Nele, o indivíduo pode desfrutar de múltiplas e fragmentadas identidades, sem receio de ser considerado inadequado. Além disso, a informação nunca foi tão acessível quanto nos dias de

hoje. Uma simples busca no Google ou em qualquer outro mecanismo de busca virtual coloca o indivíduo em contato direto com um universo que vai desde as descobertas mais avançadas da ciência até as fofocas mais recentes do mundo do entretenimento. A informação acessível cria no indivíduo pós-moderno uma sensação de onisciência, reforçando o modo individualista de viver.

Aspectos como a individualização e a fragmentação se manifestam em diferentes aspectos da vida contemporânea, do mercado de trabalho aos relacionamentos interpessoais. A religiosidade não poderia deixar de ser impactada por esses processos.

4. IMPACTOS NO CRISTIANISMO CONTEMPORÂNEO

O fenômeno religioso continua se manifestando de forma intensa na sociedade contemporânea. Suas raízes, no entanto, remontam aos momentos mais primordiais da história da humanidade. Relacionar-se com a ideia de sagrado é uma das características mais peculiares dos seres humanos.

Desde que se fez presente na essência do ser humano, a natureza religiosa o acompanhou não apenas como um traço psicológico vestigial, que surgiu e perdeu sua função, mas também como um aspecto fundamental da sua psique. A religião, que dava conta dos grandes mistérios e dos fenômenos inexplicáveis da natureza, passou a fazer parte do cotidiano e dar sentido até mesmo às atividades mais corriqueiras do dia a dia de um indivíduo.

Assim como em outros aspectos da vida, a esfera religiosa não foge aos impactos da pós-modernidade. De forma mais específica, a insegurança ontológica, a individualização e a fragmentação (características já abordadas anteriormente) produzem efeitos que analisaremos a seguir.

Uma das consequências é que, nos dias de hoje, percebe-se uma busca religiosa cada vez mais distanciada das instituições religiosas. Com a individualização da cultura cotidiana, surge uma nova religiosidade que já não tem como modelo

tradicional as religiões institucionalizadas. Alguém que encare sua vida cada vez mais como uma trajetória individual, distanciada das grandes metanarrativas, tende também a questionar valores e tradições de uma determinada instituição como sendo seus valores pessoais.

Faz muito mais sentido ao indivíduo pós-moderno construir a própria experiência religiosa que pode até agregar características de uma religião tradicional, mas sem se limitar a elas. O religioso passa a escolher no que crer e não aceitar tudo que a instituição lhe impõe, passando, assim, a vivenciar uma religião à *la carte*, personalizada ao gosto do cliente, e adotando apenas crenças e tradições que façam sentido no próprio sistema de valores e narrativa pessoal de vida.

A verdade pessoal passa a ser superior aos dogmas ou às tradições da Igreja, que, por sua vez, são reinterpretados à luz dessas convicções e experiências pessoais. O acesso irrestrito à informação promove o florescimento de um cristão mais questionador do que nunca. Ao mesmo tempo que ouve uma explicação teológica para algum assunto, o crente pós-moderno acessa o Google no seu *smartphone* para saber se determinada informação é verdadeira ou pelo menos coerente.

Fazendo uma analogia com as invenções tecnológicas de Steve Jobs mencionadas anteriormente, poderíamos chamar essa experiência individualista de vivência religiosa na pós-modernidade de *iReligion*, uma espécie de religião que cabe no bolso do seu praticante, não depende de uma instituição superior, de uma denominação e nem mesmo de uma prática em comunidade, pois é configurada de acordo com as preferências e necessidades do indivíduo. O sermão pode ser acessado no YouTube, a escola dominical em algum *website* com assuntos teológicos, o louvor está dentro de algum arquivo de MP3, e a comunhão com os outros crentes se dá por meio de alguma rede social. Até mesmo a contribuição dos dízimos e das ofertas pode ser feita por meio de algum serviço de *internet banking*, desde, é claro, que os “serviços religiosos” e o “conhecimento teológico” acessados pelo indivíduo tenham sido aprovados pelo seu filtro particular sobre o que ele mesmo considera certo ou errado.

Ainda no que diz respeito à individualização da experiência religiosa no cristianismo, percebe-se que um grande número

de fiéis tende a deixar as denominações tradicionais e partir para outras comunidades religiosas, formadas de acordo com o estilo de vida e a cultura dos seus membros. Existem igrejas ou ministérios voltados para homossexuais, roqueiros, surfistas, prostitutas e muitas outras categorias com as quais os indivíduos possam se identificar. A doutrina, por vezes, é a mesma das igrejas cristãs tradicionais, o que muda é o *modus operandi*. A longo prazo, isso pode implicar um crescimento ainda maior da quantidade de denominações cristãs ou outro fenômeno que já está em andamento: a adaptação das igrejas tradicionais aos diferentes perfis de fiéis, abrigo assim todos eles de acordo com suas características dentro de núcleos menores que ainda estejam ligados a uma instituição maior.

O segundo fenômeno tem levado as denominações religiosas a tornar-se religiões de mercado, que procuram convencer os possíveis fiéis a afiliar-se a elas da mesma forma que as grandes empresas conquistam seus clientes. Dessa forma, o proselitismo se intensifica, e a mobilidade entre as denominações é cada vez maior.

Ao perceber esse fato, Lipovetsky (2006, p. 132) afirma que atualmente “a espiritualidade se tornou mercado de massa, produto a ser comercializado, setor a ser gerido e promovido”, e que o atual retorno do religioso tem a ver com o desabrochamento dos ideais de felicidade e hedonismo difundidos pelo capitalismo e adotados como valores pelo indivíduo contemporâneo, fazendo com que a busca da realização psicológica do sujeito se encontre no centro dessas experiências.

5. CONCLUSÃO

Em tempos de pós-modernidade, o ser humano vive dias de incerteza, em que os principais valores e as instituições da sociedade são questionados e muitas vezes exterminados. A globalização criou um mundo de fronteiras porosas, interligado pelos grandes avanços da tecnologia da informação.

A trajetória humana é percorrida cada vez mais de uma forma individual, e a humanidade vive um clima de incertezas e ambiguidades sem precedente. A maneira de pensar e de se relacionar com o próximo é fragmentada, constituída pela

valorização maior dos instantes do que da história de vida como um todo. O desenvolvimento tecnológico encontra um paralelo com essa realidade por meio da popularização de dispositivos eletrônicos e sistemas para operá-los, tais como os *smartphones* e *tablets*, que refletem a busca pela individualização e a fragmentação do ser humano contemporâneo.

As consequências do *Zeitgeist* da pós-modernidade afetam também a religiosidade contemporânea. Em se tratando especificamente das religiões cristãs no contexto da sociedade brasileira, as denominações podem sentir os efeitos da individualização e da fragmentação da sociedade como características dos tempos pós-modernos, manifestando-se no surgimento de um tipo de fiel que impõe sua individualidade acima da instituição, bem como de suas tradições. Além disso, o indivíduo encara sua trajetória como uma empreitada individual, a religião deve servir aos interesses do crente pós-moderno, e não o contrário, como sempre foi. Dessa forma, a mobilidade entre as denominações aumenta. As igrejas se adaptam a isso, ao desenvolverem estratégias para conquistar e manter seus fiéis, inspiradas no que as empresas fazem para conquistar e manter seus clientes. O proselitismo aumenta, uma vez que um fiel insatisfeito em sua denominação pode ser um cliente em potencial, mais fácil de ser conquistado do que alguém que ainda não compartilhe dos valores do cristianismo.

Prever as mudanças que o cristianismo sofrerá a longo prazo com o impacto dessa realidade é uma tarefa praticamente impossível, entretanto fica evidente que as mudanças na maneira de pensar e agir da sociedade estão contribuindo para o surgimento de uma nova maneira de vivenciar o cristianismo. Não é a primeira vez que esse fenômeno acontece na história. Já foi assim, por exemplo, nos tempos da Reforma Protestante, quando as grandes descobertas científicas e inovações tecnológicas, bem como as mudanças culturais e sociais, contribuíram para criação de um ambiente que afetou profundamente o cristianismo. Da mesma forma, a pós-modernidade apresenta ao cristianismo o desafio de adaptar-se e, se for necessário, reinventar-se, a fim de continuar sendo uma proposta religiosa significativa ao indivíduo contemporâneo.

INDIVIDUALIZATION AND FRAGMENTATION: EFFECTS OF POST-MODERNITY ON CONTEMPORARY CHRISTIANITY

ABSTRACT

Post-modernity is needed in contemporary society as a prevailing *zeitgeist*. More intensely from the second half of the 20th century, its effects may be noticed in the arts, science, economics, and social relations. Among its main features, there is the tendency to an individualization of the human pathway, which is no longer experienced as a long-term script inserted into a superior metanarrative and starts being regarded as a succession of fragments, with no necessary connection between them. Christianity is no exception to its impacts and, as a consequence, the search for a religious experience dissociated from a religious institution has become popular. The churches face this new reality, adapting to the market rules and trying to create strategies that help them to keep and attract new followers, just as the companies do with their customers.

KEYWORDS

Post-modernity. Globalization. Individualization. Fragmentation. Christianity.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, N. *Le culte de l'urgence*. Paris: Flammarion, 2003.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. *A sociedade individualizada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.
- BAUMAN, Z. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.
- BECK, U. *Liberdade ou capitalismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. *Individualization*. London: Sage, 2002.

BENDASSOLLI, P. F. *Trabalho e identidade em tempos sombrios*. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1990.

LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LYOTARD, J. *A condição pós-moderna* (1979). Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

MALVEZZI, S. Psicologia organizacional. Da administração científica à globalização – uma história de desafios. In: MACHADO, C. G. et al. (Org.). *Interfaces da psicologia*. Évora: Universidade de Évora, 1999. v. II.

SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.